

**DIALÉTICA DO
TEMOR***Raul Pilla*

“O TERRÍVEL mal da instabilidade dos governos, essência do parlamentarismo, traria consequências catastróficas para a administração brasileira». Isto diz o eminente sr. Daniel de Carvalho na sua recente entrevista.

Deixemos de lado a afirmação que a instabilidade seja da essência do governo parlamentar e constitua terrível mal. O único país em que se verifica tal instabilidade é a França e neste mesmo não chega a constituir um mal. Logo, não é essencial ao sistema e, ainda quando o fôsse, seria muito menor mal que a estabilidade dos maus governos, característica do sistema presidencial.

Não é, porém, o representante mineiro o único presidencialista que enxerga uma catástrofe na adoção do sistema parlamentar. Todos, ou quase todos recorrem a tal ameaça. É o que se pode chamar a dialética do temor. Baldos de razões, apclam para aquêle sentimento vago, que o desconhecido ou inusitado desperta nos espíritos débeis ou ingênuos.

Compreender-se-ia o temor, se se tratasse de um sistema desconhecido, ou que alhures houvesse dado maus resultados. Compreender-se-ia ainda a resistência à mudança, se o sistema vigente estivesse dando resultados satisfatórios ou apenas sofríveis. Então seria mudar por mudar e arriscar o bom, pelo desejo do melhor. Mas quem está satisfeito com o regime atual? Ninguém. Nem os seus já raros sustentadores, que o justificam alegando que êle ainda não foi devidamente praticado. Mas, se o não foi em sessenta e cinco anos, quando o será?

Teme-se a mudança. Muito bem: concedamos que ela se possa temer por si mesma. Mas não se teme a permanência do que aí está, que é a ruína e a dissolução? É simplesmente absurdo. Mudar, mudar quanto antes é o dever, porque, mudando, poderemos acertar com o caminho da salvação; não mudando, permaneceremos certamente no caminho da perdição.

Será, porém, aventureira a mudança? Não, de modo nenhum. Trata-se de adotar um sistema político praticado pela generalidade dos países democráticos, exceto os Estados Unidos e as tristíssimas Repúblicas da América Latina; ainda mais, trata-se de voltar a um sistema que nós mesmos já praticámos com os melhores resultados.

Demais falam e argumentam os presidencialistas como se se tratasse de uma reforma definitiva e irreversível. Esquecem êles que, se o sistema parlamentar não der os esperados resultados, nada impedirá que se volte a praticar o sistema presidencial, ou se procure outra solução mais acertada.

Nenhuma justificação tem, portanto, a dialética do temor, a que, em desespero de causa, recorrem os presidencialistas.